

## ANÁLISE A RESPEITO DA ASSEMBLEIA DO BELLO SEXO PUBLICADA NO PERIÓDICO A MARMOTA NA CORTE (1849-1852)

**Laura Junqueira de Mello Reis**  
(UFJF - Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p><b>Laura Junqueira de Mello Reis</b> é graduada em história pela Universidade Federal de Juiz de fora, cursando mestrado em História pela mesma instituição com estudos focados no século XIX, em especial, nas relações de gênero. Tem interesse na área de: gênero e imprensa, está trabalhando em um projeto que busca identificar as representações femininas no jornal carioca Marmota, periódico que circulou na segunda metade do século XIX. É pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos em História Social da Política (NEHSP - UFJF), e faz parte do grupo de pesquisa "Mulheres e a escrita da história: letras, artes e imprensa.". E-mail: <a href="mailto:laurajunqueiramreis@gmail.com">laurajunqueiramreis@gmail.com</a></p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O objetivo deste trabalho é compreender as relações interseccionais de gênero e raça a partir de um artigo publicado no periódico <i>A Marmota na Corte</i> (1859-1852), em 22/01/1850. Trata-se de um artigo muito singular, com o nome de <i>Assembleia do Bello Sexo</i>, no qual encontramos um interessante diálogo entre várias mulheres que compunham uma hipotética assembleia, a fim de decidirem qual seria o destino de um marido infiel que havia se relacionado com uma mulher negra. Por fim, acreditamos que tais discussões, por mais que não se encontrassem com frequência nas páginas dos jornais, estavam presentes na sociedade oitocentista e são reveladores de práticas e valores representativos do universo feminino da época.</p>	<p>The objective of this paper is to understand the intersectional relations of gender and race from an article published in the journal <i>A Marmota na Corte</i> (1859-1852), on 01/22/1850. This is a very singular article, called the <i>Assembleia do Bello Sexo</i>, in which we find an interesting dialogue between several women who composed a hypothetical assembly, in order to decide the fate of an unfaithful husband who had been related with a black woman. Finally, we believe that such discussions, although not often found on the pages of the newspapers, were present in the nineteenth century society and are revealing practices and values representative of the female universe of the time.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
<p><i>Assembleia do Bello Sexo</i>; <i>A Marmota na Corte</i>; Imprensa feminina; Século XIX.</p>	<p><i>Assembleia do Bello Sexo</i>; <i>A Marmota na Corte</i>; Women's press; XIX century.</p>

## INTRODUÇÃO

O atual trabalho surgiu a partir do interesse em uma publicação encontrada no periódico *A Marmota na Corte*. Ao analisarmos o jornal nos deparamos com um artigo muito peculiar, intitulado *Assembleia do Bello Sexo*, que nos chamou atenção em virtude da sua singularidade. As *Assembleias* eram reuniões em que diversas senhoras se encontravam a fim de discutirem assuntos deliberados no mesmo dia. Pretendemos então, a partir do estudo de tal publicação, compreendermos a discussão que estava sendo tratada, o porquê de ela aparecer no jornal já enunciado, e buscar identificar se tratava-se de um relato de um evento ocorrido ou de uma publicação literária, contendo possíveis ironias e verossimilhanças. Pensamos no conceito de verossimilhança de Sandra Pesavento, segundo a autora a literatura é uma forma de representação que “se insere em regimes de verossimilhança e de credibilidade e não de veracidade.” (PESAVENTO, 2004, p. 44).

*A Marmota na Corte* foi um periódico que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1849 a 1852, redigido por Próspero Diniz (1820-1852) e editado na tipografia de Francisco de Paula Brito (1809-1861). A primeira aparição do jornal data de 7 de setembro de 1849 e surgiu como um periódico destinado ao *bello sexo*, que tratava de modas e variedades, como se afirmava no subtítulo da folha. Portanto, trazia muitas questões que, segundo o redator, interessavam as mulheres oitocentistas: moda, poemas, romances, mote e glosas e alguns anúncios de colégios para meninas. O jornal circulava duas vezes por semanas, às terças-feiras e às sextas-feiras, era composto por quatro páginas e custava 80 réis a folha avulsa, o que não consistia um valor substancial a ponto de categorizá-lo como um periódico caro (MOREL; BARROS, 2003).

A publicação a ser analisada apareceu no jornal, na edição 38, na data de 22 de janeiro do ano de 1850, portanto, o recorte temporal para o presente trabalho orbitará esse evento. No segundo reinado os jornais que se destinavam às mulheres estavam aparecendo com mais frequência, como podemos constatar com a aparição de um jornal totalmente editado e redigido por mulheres, caso do *Jornal das Senhoras*, criado em 1852 pela jornalista argentina Joana Paulo Manso de Noronha. A publicação aqui trabalhada, que como já expusemos é do ano de 1850, pode ser percebida como uma maneira de levantar algumas questões femininas que vinham ganhando espaço nos periódicos oitocentistas. A publicação ao qual nos debruçamos datada de 1850, como já mencionamos, nos permitiu traçar algumas questões referentes as mulheres e seus comportamentos tratadas nos periódicos daquele tempo.

*A Marmota na Corte* surgiu com a intenção de publicar artigos que interessassem ao

público feminino e na maioria dos textos o jornal cumpria com seu objetivo. Raras vezes encontramos matérias de política no periódico, visto que, a política não era vista como um assunto que poderia interessar às mulheres. Mesmo que houvesse interesse, o jornal não incentivava que as mulheres estivessem se atentando a respeito dessa temática. Um exemplo disso é uma publicação que encontrada na edição 29, chamada 'mulher insuportável para o casamento e para a sociedade'<sup>1</sup>, onde o redator do jornal citou, dentre outras, a mulher que conversavam sobre política. Portanto, os conteúdos mais discutidos eram sobre casamentos, namoros, vestidos vindos da França, a forma de ser uma boa dona de casa, o saber cozer e cuidar de seus filhos e maridos, mantendo assim sua casa em ordem.

A princípio, a *Assembleia* a ser analisada nos despertou curiosidade em função da particularidade de seu conteúdo e também da forma em que o artigo foi construído. Procuramos identificar então as possibilidades dessa *Assembleia* ter ocorrido no período ou se tratar de uma forma literária. Tendo identificado, a partir de um olhar interdisciplinar com a literatura (PESAVENTO, 2000), a assembleia como um gênero textual usual à época, partimos do pressuposto, dado também as condições para a existência factual do evento e a identificação de outros exemplares do gênero em periódicos da época, de que a *Assembleia* em questão se deu meramente no campo da literatura, ou seja, se tratava de uma história fantasiosa que conta uma irrealidade, elaborada por um determinado autor. Na publicação que analisamos, esse autor é desconhecido, visto que não apareceu em nenhum momento algum nome atribuído a autoria da publicação. Como nos foi possível perceber, e como discutiremos a seguir, a *Assembleia*, tal como a apresentada no periódico *A Marmota na Corte*, foi encontrada em outros dois jornais do período: *O Periódico dos Pobres* e *A Marmota da Bahia*.

O jornal *O Periódico dos Pobres* circulou no Rio de Janeiro entre 1850-1856 e 1870-1871, era um jornal que publicava às segundas, quartas e sábados, na tipografia da rua dos Ouveiros, dirigida pelo empresário A. M. Morando, e custava 40 réis. Durante os anos o jornal foi se modificando, e a partir de 1854, o jornal passou a ser publicado às terças, quintas e sábados, custando o valor de 80 réis. Em 1855 o jornal começou a passar por dificuldades financeiras chegando a ficar meses sem publicar, quando retornou passou a ser publicado apenas às terças e aos sábados. Ao retornar em 1870 passou a ser publicado apenas em alguns sábados. Já *A Marmota da Bahia* circulou na Bahia, sendo publicado às quartas e aos sábados, custando 80 réis pela folha avulsa, e era editada pela Tipografia de Epifanio Pedroza, cujo o senhor era também o editor do jornal.

Acreditamos que não nos cabe nesse trabalho discorrer a respeito de gêneros textuais, mas sim compreender a influência de determinada literatura na vida das leitoras

---

<sup>1</sup>*A Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed29, 14 de dezembro de 1849.

desse periódico e as relações interseccionais colocadas na publicação. O fato de seu conteúdo ser publicado em um jornal que era em sua maioria composto por homens, com alguns artigos escritos por mulheres, é significativo para a época. Quando tratamos de impacto e influência pensamos no quesito de opinião pública e como grupos letrados, a partir da imprensa, exerciam influência entre os leitores nesse período, sendo a imprensa o maior meio de comunicação de então (MOREL, 2008).

Ademais, baseados no conceito de micro-história utilizado por Carlo Ginzburg (GINZBURG, 1989), acreditamos que consigamos compreender essa interação entre relações de gênero e de raça no século XIX a partir da leitura e análise que aqui nos propomos elaborar. Relacionando a micro-história com a macro é possível entender as sociabilidades e momentos históricos, já que essa vertente da história pretende compreender o macro a partir de continuidades e discontinuidades presentes na micro-história.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A fim de melhor atingirmos nosso objetivo referente a compreensão interseccional da publicação analisada decidimos por fazer uma rápida contextualização da corte na década de 1850. Pensamos na corte a partir das mudanças ocorridas nesse espaço de tempo.

O Brasil, mais especificamente o Rio de Janeiro, estava passando por diversas transformações em meados de 1850. Com o fim do tráfico negreiro, instaurado a partir da Lei Euzébio de Queiroz<sup>2</sup>, houve algumas modificações estruturais na corte, como o calçamento de ruas e a iluminação a gás. Apesar da publicação ser de janeiro de 1850, e a lei ter sido aprovada em setembro, essa já era uma discussão vigente no Brasil, pelos menos desde 1831, com a lei Feijó<sup>3</sup>, que também visava o fim do tráfico de escravos, porém não sendo efetivamente posta em prática (COWLING, 2018). Além disso, a ideia de um 'afrancesamento' brasileiro estava muito presente durante todo o reinado de D. Pedro II (1840-1889), ou seja, o Brasil estava tentando se modernizar, acontecimento perceptível no Rio de Janeiro a partir da análise dos bailes e encontros da elite carioca (SANTANA, 2008).

Houve transformações estruturais e sociais que buscavam alcançar sempre o ideal de nação civilizada. Partindo dessa ideia, a escravidão ganhava cada vez mais críticas, já

---

<sup>2</sup>Lei 581. <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/125-anos-da-lei-aurea/1850-lei-eusebio-queiroz.-o-trafico-negreiro.-historcio-da-lei-581-de-4-de-setembro-de-1850>. Acessada em 06/09/2018.

<sup>3</sup>[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html). Acessado em 06/09/2018.

que nações civilizadas europeias compreendidas como civilizadas, tal como a Inglaterra, já haviam abolido a escravidão. Além de que: “civilização e progresso, termos privilegiados da época, eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais” (SCHWARCZ, 1993, 57), o Brasil precisava então seguir esses ideais.

Nessa vertente, o Brasil começou a adotar concepções ‘científicas’ que argumentavam a existência de raças inferiores:

A concepção “científica” de raça e de da desigualdade entre elas foi uma construção do pensamento ocidental surgida em meados do século XVIII, contemporânea, portanto, ao surgimento das noções de cidadania e de direito dos homens no contexto das revoluções atlânticas. A partir da primeira metade do século XIX, especialmente nos Estados Unidos até mesmo a origem comum da espécie humana começou a ser questionada (poligenismo). Desde então, durante todo o século XIX, a partir de uma argumentação biologizante, as teorias raciais permitiram novamente neutralizar algumas das desigualdades sociais, as que incidiam sobre grupos considerados racialmente inferiores, justificando restrições aos direitos civis e políticos inerentes às novas concepções de cidadania. (MATTOS, 2016)

As noções científicas a respeito de raça, perpassavam todas as camadas segmentadas da sociedade na Corte, com isso, noções de inferioridade permeavam a sociedade e o campo das ideias, expressão disso era a imprensa, veiculadora de legitimação que acabou também por ser impactada pelas consequências da escravidão. Essas modificações ocorridas em 1850 também atingiram a imprensa oitocentista.

## 2 PERIÓDICOS

Foi por volta da década de 50 do século XIX que a imprensa voltada para o público feminino mais cresceu, os redatores e editores de jornais perceberam que escrever para as mulheres podia ser uma boa alternativa no sentido econômico. Para aquelas senhoras que dominavam a leitura, o ócio poderia ser presença constante em suas vidas e os artigos dos periódicos eram uma das poucas diversões que lhes restavam. Não sendo permitido às mulheres oitocentistas que lessem sobre política, a arte literária dominava esses periódicos.

Nos apoiamos em trabalhos como o de Nelson Werneck Sodré (SODRÉ, 1978) e de Dulcília Buitoni (BUITONI, 1986) para melhor entendermos essa imprensa. O jornal em que a *Assembleia do Bello Sexo* foi publicada era voltado para esse público em específico, assim como os outros periódicos que detectamos publicações semelhantes.

Com um título que já remetia ao *bello sexo*, e com uma proposta de formato diferenciado, acreditamos que essa publicação tenha encontrado um lugar ideal nesses periódicos. Como percebemos na publicação *conversa de priminhas* que era frequentemente publicada no jornal *Periódico dos Pobres*, os escritos da *Assembleia* aqui trabalhada estavam

agradando as leitoras da folha.

As *Assembleias* que encontramos no jornal *Periódico dos Pobres*, apareciam com o nome de *Assembleia do Bello Sexo*, mas também *assembleia das senhoras*, *assembleia de mulheres*, *congresso feminino* ou *tribunal das moças facecias*. Apesar do nome sofrer alterações, o formato das *Assembleias* era o mesmo daquela que aparece no jornal *A Marmota na Corte*. As senhoras que participavam dessas *Assembleias* variavam, mas havia também nomes que se repetiam com certa frequência, como nos casos de D. Ritinha, D. Adelaide, D. Joanninha, D. Emilia, D. Constança.

Os assuntos que as mulheres discutiam também eram bem variados e em muitas *Assembleias* eram tratadas questões que estavam perturbando a sociedade brasileira do século XIX, não sendo necessariamente assuntos ligados ao âmbito privado, lugar que era determinado para as mulheres de então. As *Assembleias* tratavam sobre: moços bonitos que não deveriam ser padres<sup>4</sup>; sobre as castanholas roubadas do Sr. Fragoso<sup>5</sup>; sobre os homens que fumam<sup>6</sup>; discutiam a existência de um projeto de lei que permita que as mulheres solicitassem a separação de seu marido quando após dez anos de casamento, constasse que não estava sendo feliz<sup>7</sup>; discutiam a respeito da emancipação do *bello sexo*<sup>8</sup>; sobre a diferença de altura entre os pares românticos<sup>9</sup>; a respeito da última moda em Paris<sup>10</sup>; sobre a valsa que era tocada nos bailes<sup>11</sup>; sobre guardar os domingos pois era um dia santo<sup>12</sup>; sobre a forma de se tratar uma moça que chegou aos 25 anos e ainda não casou<sup>13</sup>; sobre a lei que proibia o casamento de militares<sup>14</sup>, entre outras questões. A partir dessa constatação nos surgiu um questionamento: por qual razão a *Assembleia* que apareceu no periódico *A Marmota na Corte*, em 22 de janeiro de 1850, teria sido escolhida por Paula Brito e Prospero Diniz para estar no jornal que eles dirigiam e redigiam?

Devido a esses assuntos que eram tratados no jornal, a publicação *Assembleia do Bello Sexo* chamou nossa atenção. Ela teve um formato de diálogo, em que várias mulheres conversavam, onde ficava claro que elas estavam em uma suposta *Assembleia* e que tinham pontos a serem debatidos. A *Assembleia do Bello Sexo* em questão, mesmo que sendo um gênero textual, nos informou a data em que presumidamente teria acontecido. Segundo informado na publicação investigada, seria em 25 de setembro de 1849, apesar

<sup>4</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed29, 26 de junho de 1850.

<sup>5</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed43, 29 de julho de 1850.

<sup>6</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed87, 12 de novembro de 1850.

<sup>7</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed89, 16 de novembro de 1850.

<sup>8</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed99, 10 de dezembro de 1850.

<sup>9</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed101, 14 de dezembro de 1850.

<sup>10</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed109, 25 de setembro de 1851.

<sup>11</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed110, 27 de setembro de 1851.

<sup>12</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed86, 08 de agosto de 1853.

<sup>13</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed96, 01 de setembro de 1853.

<sup>14</sup>*Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, ed105, 10 de outubro de 1854.

disso sua publicação no periódico em 1850 nos levou a contextualizá-la a partir dos acontecimentos que modificaram a corte nesse ano.

### 3 A ASSEMBLEIA DO BELLO SEXO

O tema central desta *Assembleia do Bello Sexo* é a traição conjugal, mais especificamente a traição cometida pelo marido. A partir da análise da publicação tentamos compreender como as senhoras presentes na *Assembleia* lidavam com o tema da traição de seus respectivos maridos, principalmente quando se tratava daquela consumada com uma mulher negra, ou como elas diziam no artigo estudado, com uma *belleza cor da noite* ou com uma *belleza de Guiné*. Precisamos pensar também como a traição afetava a família o que, em uma sociedade que atribuía posição social a partir da família e às relações de sangue, era bastante significativo (GRAHAM, 1996).

Assim como em discussões em assembleias compostas por homens, a *Assembleia do Bello Sexo* tinha um horário para começar, precisava ter um número mínimo de membros presentes, discutiam um determinado assunto que era colocado no começo da reunião no que era chamado de ordem do dia, os membros discutiam o tema posto em questão e então votavam a favor ou contra algum parecer que havia sido determinado junto a ordem do dia. Ela se formou como uma reunião da Assembleia Legislativa, além de punir o homem acusado, as senhoras votariam também para uma possível elaboração de lei, para que o delito debatido tornasse proibido diante do que seria as *leis das senhoras*.

A *Assembleia* que estudamos iniciou-se as 11 horas da manhã e teve como ordem do dia a “discussão do parecer da comissão de negócios maritais”<sup>15</sup>, que era a comissão que julgava os casos relacionados a assuntos do matrimônio. O parecer que seria votado, era aquele que julgava ou não como “reprovável o procedimento do marido de D. Clemencia, que se distrahe fôra de casa com – bellezas da cor da noite”<sup>16</sup>. A *Assembleia* era composta por ‘Donas’, que eram as mulheres casadas e por ‘Iayas’ que eram as mulheres solteiras, elas eram: Sra. Presidente, D. Violante, D. Lucia, D. Eudoxia, D. Theresa, D. Susana, D. Lucrecia, D. Camilla, D. Firmina, D. Clemencia, Iaya Chiquinha, Iaya Pombinha, Iaya Fufu.

A partir da análise de tal publicação, é possível detectar que por mais que elas estivessem discutindo a traição do marido de D. Clemencia, todas pensavam nos seus próprios maridos, ou futuro maridos no caso das Iayas, para poderem julgar o caso. Ao lermos a publicação percebemos que enquanto algumas senhoras demonstravam indignação quanto a infidelidade do marido de D. Clemencia, como D. Susana que dizia “já ter ficado tão brava com o caso de uma traição de seu marido, que havia deixado ele

<sup>15</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

<sup>16</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

na porta da rua uma noite inteira”<sup>17</sup>, outras como a D. Lucia, julgavam desnecessária qualquer punição para o homem e dizia que não se importava com o que o marido fizesse fora de casa, pois “uma mulher que come, bebe, passeia e se diverte; que se importa que o marido faça e aconteça?”<sup>18</sup>. Em seguida D. Lucia manifestou-se novamente, dizendo achar que “esta *assembleia* deve deixar ao arbítrio de cada Sra. casada fazer o que a lembrança lhe dictar para castigar o seu marido em taes ocasiões.”<sup>19</sup>, tal colocação não recebeu muito apoio das senhoras que estavam presentes, refletindo, dessa forma, as multiplicidades e subjetividades encontradas dentre as mulheres.

A fala que julgamos mais emblemática é a D. Eudoxia que recordou às mulheres presentes, que o homem não havia cometido um delito qualquer, nem uma traição qualquer e que o fato de a traição ter sido consumada com uma mulher negra era um ponto primordial do debate. D. Eudoxia afirmou que a *Assembleia do Bello Sexo* não havia aceitado o pedido de discussão apenas porque o marido de D. Clemencia “passe os dias e noites fôra de casa; mas sim, por ser sua bella cor da noite.”<sup>20</sup>, frase essa que causou um rebuliço no salão, fazendo com que algumas senhoras julgassem o homem de ‘porcalhão’ e dizendo sentirem-se enjoadas. Logo em seguida, D. Eudoxia retomou sua fala, cuja profundidade julgamos ser melhor absorvível a partir da transcrição integral do trecho:

Que um homem tivesse duas e três amantes, isso poder-se-hia talvez tolerar; mas que se enfetice por uma belleza de Guiné, que troque o dia pela noite!...eis aqui o que não pode a comissão approvar; eis aqui o mais escandaloso e terrível de todos os procedimentos! Qual será ahi a deputada que recuse o seu voto para uma providencia a tal respeito? Qual a que não tenha visto como essas negrinhas passam mesmo pelas barbas da gente arrastando a chinella? Oh desaforo!<sup>21</sup>

Essa fala de D. Eudoxia ganhou muito apoio das senhoras presentes. Percebemos então, como essas senhoras sentiam-se muito mais ofendidas de verem seus maridos se relacionando com mulheres negras do que com o ato de infidelidade em si. Como o próprio discurso que expusemos anteriormente, onde verificamos que era tolerável o homem que possuísse amantes, mas o relacionamento com mulheres negras era imperdoável.

Essa relação de homens brancos com mulheres negras não era de todo estranho para a sociedade do século XIX. Basta lembrarmos que o relacionamento entre proprietários e suas escravas era corriqueiro, e que estamos falando sobre uma sociedade escravista. Mesmo que o texto não veicule a mulher à condição de escrava, utilizamos dessa situação para demonstrar a existência da relação inter-racial no século XIX, e o mais

<sup>17</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

<sup>18</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

<sup>19</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

<sup>20</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

<sup>21</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.



importante, para destacar o racismo presente nas falas dentro da *Assembleia do Bello Sexo*.

Outro intrigante ponto na discussão que nos chamou atenção foi o discurso da D. Camilla. Ela pediu a palavra para defender a classe dos maridos, o que causou um aparente estranhamento nas outras senhoras presentes. Também julgamos como necessário, para um melhor entendimento da questão, inserirmos aqui o seu discurso completo:

Na variação consiste o prazer, dizia eu; e na verdade – muito mais sendo o coração do homem naturalmente invejoso do bem alheio. E demais, Senhoras, querer acabar com este abuso, é querer ir de encontro a tudo que nos relata a história. Passemos uma vista de olhos por toda ella – Na profana, eu vejo os Turcos com os harens recheados de moças, e matronas, para alimento de seu peito. Vejo Sultões possuindo serralhos. Na sagrada, encontro David dominado do poder da variação procurando a mulher de Urias; a um Salomão que possuía três mil concubinas, e oitocentas mulheres!...<sup>22</sup>

Após esse discurso, uma senhora pronunciou que a D. Camilla deveria ter se casado com um desses já que os defendia. E logo após D. Camilla completou: “querer pois endireitar o que está torto d’esde o principio, mostra falta de senso.”<sup>23</sup> As senhoras não gostaram muito do discurso de D. Camilla, mas o que ele pôde nos demonstrar é que enquanto as mulheres eram julgadas em diversas publicações do mesmo jornal em questão, por serem ‘variadas’; no caso mencionado, a D. Camilla via a variação dos homens como uma justificativa para a traição e acreditava que as mulheres deveriam apenas se acostumar com tal fato pois eles eram assim e permaneceriam sendo assim. Segundo o dicionário da língua brasileira (PINTO, 1832), variação significava “o ato de variar, variedade de princípios, declinação” e variar significava “diversificar-se, mudar-se, não seguir a mesma regra de proceder etc, desconformar-se.” Ao final da sessão as mulheres julgaram o homem infiel como culpado, e “passou o parecer, mandando-se formular o projecto de lei a tal respeito.”<sup>24</sup>

Então nos apoiamos no conceito de interseccionalidade cunhado por Kimberlé Crenshaw para analisarmos a *Assembleia do Bello Sexo*. Segundo essa autora, as opressões de gênero, raça e classe estão ligadas e não podem ser analisadas separadamente (CRENSHAW, 2012). O estudo debruçado a partir da publicação em questão é apenas um exemplo das relações entre mulheres brancas e mulheres negras no Brasil do século XIX. Em um país marcado profundamente pela escravidão não devemos esquecer a influência que a raça exerceu e exerce nas relações e processos de sociabilidades.

Ao lermos o autor Frantz Fanon começamos a pensar também no papel da mulher negra quanto a sua relação com o homem branco e como esse relacionamento se deu para

<sup>22</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

<sup>23</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

<sup>24</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed38, 20 de janeiro de 1850.

ela. Sabemos que o autor trabalhou com um contexto diferente do nosso, mas acreditamos que a análise que nos surgiu ao lermos seu trabalho nos deu uma perspectiva interessante, que podemos incorporar e trabalhar no nosso objeto. Muito nos despertou interesse o trecho que o autor comentou:

Todas essas mulheres de cor, desgrenhadas, à caça do branco, esperam. E certamente um dia desses se surpreenderão não querendo mais se atormentar, mas pensarão “em uma noite maravilhosa, um amante maravilhoso, um branco”. Porém também elas talvez compreendam um dia “que os brancos não se casam com uma mulher negra.” Mas aceitam correr o risco, porque precisam da brancura a qualquer preço. (FANON, 2008, p. 58).

Segundo o autor, as mulheres negras viam na relação com um homem branco, uma saída para sua situação e seu sentimento de inferioridade em relação com o mundo branco, por isso havia uma preocupação em atraí-los para si. Nos questionamos a partir da leitura de Fanon se a relação da mulher negra com esse homem branco estaria ligada a esses aspectos para ela, levando em consideração a condição do negro no Brasil do século XIX.

O texto de Sandra Graham também nos permitiu pensar nessa publicação como uma tentativa de conservar a ordem moral da sociedade, denunciando essa relação “negativa” entre brancos e negros. Além de demonstrar como essas mulheres estavam muito mais ligadas as mulheres de sua ordem social ou aos homens de uma mesma ordem social e mesma raça do que ligadas às mulheres negras. (GRAHAM, 1996). Procuramos entender essa publicação a partir da visão conjunta entre gênero, classe e raça, assim como Joan Scott afirmou:

Aqui as analogias com a classe e a raça eram explícitas; com efeito, as(os) pesquisadoras(es) de estudos sobre a mulher que tinham uma visão política mais global, recorriam regularmente a essas três categorias para escrever uma nova história. O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do (a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, estes três eixos. A ladainha “classe, raça e gênero” sugere uma paridade. (SCOTT, 1995, p. 04).

#### 4 CONCLUSÃO

Entendemos com a análise de tal publicação que a traição por parte do homem, já estava aceita na sociedade. Para as mulheres o que as verdadeiramente incomodava, a ponto de discutirem, estava relacionado ao fato da mulher envolvida com o marido de D. Clemencia ser negra e não com a traição em si. Ademais, devemos compreender que as mulheres brancas encaravam as mulheres negras com uma ideia de ‘não mulher’, as

feminilidades em cima da raça dessas mulheres foram construídas de maneiras distintas e colocadas como oposição, dando espaço para entendermos que as relações de gênero estavam presentes em diversas situações oitocentistas (CROWLING, 2018).

A análise do conteúdo da *Assembleia do Bello Sexo* nos permitiu questionarmos o porquê da presença de um texto que fazia passagens irônicas a respeito de relacionamentos extraconjugais e inter-raciais no periódico. Para pensarmos na resposta ao questionamento destacado precisamos pensar a partir da análise que Robert Darnton abordou a respeito da história dos livros, ou seja, se fazia necessário compreender quem lia, quem lia o que, e de que maneira se lia (DARNTON, 2010). Sendo um jornal que tinha as mulheres como principais leitoras, mas que também era muito lido por homens, tendo em menos de um ano adquirido em torno de 511 assinantes<sup>25</sup>, seria essa publicação uma forma de reforçar o racismo tão presente na sociedade oitocentista fluminense? E reforçá-lo, principalmente, em uma leitura que deveria ser apenas para divertimento dos leitores desse jornal.

Corroborando com a historiadora Célia Maria Marinho de Azevedo (AZEVEDO, 2004), podemos compreender como a autora considerou que o racismo no período estudado foi uma construção ideológica, fruto de uma estruturação histórica. A partir dessa constatação da historiadora, é possível pensarmos também nas mulheres que tratamos nesse artigo e como, provavelmente, esse pensamento racista que margeava todo o oitocentos encontrando-se difundido entre elas. Havia costumes impregnados na sociedade dominada pela elite branca, que consideravam os negros inferiores, mesmo àqueles que não eram escravos. “Deste modo o negro seria inimigo, não só por sua condição de escravo como também por sua natureza barbara, africana.” (AZEVEDO, 2004, p. 22).

Retomando a ideia de civilização que o Brasil tentava alcançar, por mais que a publicação em questão não mencionasse a condição da mulher negra atrelada a condição de escrava, sua cor “mantinha-se como estigma, marca da escravidão presente ou passada” (MATOS, 2016). Ainda compartilhando dessa ideia, podemos pressupor que as mulheres brancas estavam representando no periódico mais que uma relação de desaprovação da infidelidade com uma mulher negra, mas também as ideias negativas quanto a mestiçagem, atreladas a ideias de inferioridade da raça negra, já que acreditava-se que “as raças constituíram fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo o cruzamento, por princípio, entendido como um erro” (SCHWARCZ, 1993, 58), ideias que ganhariam mais força na década de 70, mas que já estavam começando a aparecer em meados de 1850.

Por isso, diante de todos esses ideais de inferioridade que atingiram diretamente

---

<sup>25</sup>A *Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, ed31, 21 de dezembro de 1849.

a população negra brasileira, devemos compreender a opressão exercida pelas mulheres brancas sob a mulher negra como uma opressão além da de gênero. Durante a publicação analisada, a cor da mulher amante foi lembrada a todo momento e claramente apareceu como um problema para as senhoras que discutiam, portanto, a opressão sofrida por essa mulher também foi uma opressão de raça.

Concluimos então que essa publicação, apesar do caráter literário, ela retratou partes das realidades dessas mulheres brancas de elite dos oitocentos, e principalmente as relações e costumes das famílias de então. Ela também pode nos demonstrar o evidente preconceito racial e o quanto a prática da relação entre homens brancos e mulheres negras atingia essas senhoras.

## REFERÊNCIAS

Periódicos:

*A Marmota na Corte*

*A Marmota na Bahia*

*Periódico dos Pobres*

Todas edições encontram-se disponíveis em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Leis:

<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/125-anos-da-lei-aurea/1850-lei-eusebio-queiroz.-o-trafico-negreiro.-historcio-da-lei-581-de-4-de-setembro-de-1850>. Acessada em 06/09/2018.

[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html). Acessado em 06/09/2018.

Bibliografia:

AZEVEDO, C. M. M. **Onda Negra Medo Branco. O negro no Imaginário das Elites Século XIX.** São Paulo: Annablume, 2004.

BLAKE, A. V. A. S. **Diccionario Bibliographico Brasileiro.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

BUITONI, D. **Imprensa Feminina.** São Paulo: Ed. Ática, 1986.

COWLING, C. **Concedendo a liberdade: mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro.** Trad. Patricia Ramos Geremias, Clemente Penna. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

CRENSHAW, K. A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2012.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil século XIX**. 1.ed. dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. P. 58.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. De Frederico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GRAHAM, S. L. O impasse da escravatura: prostitutas escravas, suas senhoras e a lei brasileira de 1871. Acervo. **Revista do Arquivo Nacional-Estudos de gênero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 53-66, jan./dez. 1996.

MATTOS, H. De pai para filho: África, identidade racial e subjetividade nos arquivos privados da família Rebouças. In: COTTIAS, Myriam e MATTOS, Hebe. **Escravidão e subjetividades: no Atlântico luso-brasileiro e francês (Séculos XVII-XX)**. Marseille: OpenEdition Press, 2016. Edição online, sem paginação.

MOREL, M. Imprensa e escravidão no século XIX. IN: LUSTOSA, I. (org.). **Imprensa, história e literatura**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008, p. 75-82.

MOREL e BARROS, M. e M. M. de. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PESAVENTO, S. J. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Revista de História das Ideias**. VI 21. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, L. M. da S. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Lisboa: Typographia de Silva, 1832.

SANTANA, A. M. S. Entre bailes e Batuques: A Corte "afrancesada de D. Pedro II. In: XIII Encontro Estadual da ANPUH: História e Historiografia: Entre o Nacional e o Regional, 2008, Guarabira-PB. XIII Encontro Estadual da ANPUH. Guarabira -PB: Anpuh PB, 2008. **Anais...Guarabira**.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto



Alegre, vol. 20, n 2, jul/dez. 1995.

SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

Título em inglês:

**ANALYSIS OF THE *ASSEMBLEIA DO BELLO SEXO* PUBLISHED  
IN THE PERIODICAL *A MARMOTA NA CORTE* (1849- 1852)**